

Paciente corre risco

Jornal de Brasília • 13

se precisar de UTI

Ailton C. Freitas

Se algum paciente da rede hospitalar pública precisasse de tratamento ontem na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) correria sérios riscos de vida porque não existia nenhum leito disponível nos hospitais da Fundação. A informação é da coordenadora das UTIs da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, Célia Bretas Netto. A coordenadora explica que a falta de vagas é constante e neste caso os doentes recebem o tratamento na própria enfermaria. Célia reconhece as dificuldades de atender o doente de alto risco fora das UTIs porque na maioria dos casos são necessários recursos tecnológicos como respirador artificial e monitor de drogas para o tratamento.

A superlotação das UTIs, porém, não é por falta de espaço físico ou equipamentos. A Unidade Intensiva de Sobradinho, com 12 leitos, por exemplo, está pronta desde o início de janeiro deste ano, mas por carência de recursos humanos continua fechada. Dois leitos do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS) e um leito do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) estão desativados por não disporem de

pessoal especializado para este tipo de tratamento e o Hospital de Base (HBB) está atendendo apenas com a metade da sua capacidade (seis leitos para adulto). O secretário de Saúde, Milton Menezes, explica que o déficit nas UTIs hoje é de 180 auxiliares de enfermagem, 72 enfermeiras e 18 médicos.

As únicas UTIs que estão atendendo com a sua capacidade máxima são as de Taguatinga e Gama, porém com um número reduzido de profissionais. Segundo Célia Netto, isto tira um pouco a característica do tratamento intensivo que exige um auxiliar para cada paciente. A coordenadora das UTIs frisa que está havendo uma pré-seleção no encaminhamento dos pacientes para as Unidades Intensivas. "Estamos limitando as UTIs aos doentes tratáveis, porque na atual situação não podemos deixar os leitos ocupados com doenças incuráveis", afirma.

Dificuldade

Célia Bretas afirma que essas limitações dificultam o relacionamento entre os médicos que acompanham os pacientes e os profissionais da UTI. "É difícil porque para

os médicos o que importa é prolongar a vida, mesmo quando se sabe que a doença não tem cura. E nós ficamos como os carrascos que não oferecemos a oportunidade de um tratamento adequado", frisa Célia. Salienta ainda que o fato de Brasília atender doentes de todos os estados do País também contribui para a superlotação constante das UTIs. Ontem mesmo, dos três pacientes adultos do HRAN, apenas um é do DF; os outros são de Porangatu-GO e Carolina-MA.

A Secretaria de Saúde vem realizando concursos para suprir a carência de recursos humanos da rede hospitalar, principalmente das UTIs. Milton Menezes, entretanto, admite que não existem profissionais disponíveis no mercado para suprir a demanda e os que estão sendo selecionados não querem o emprego. Na última seleção de enfermeiros, por exemplo, dos 60 aprovados apenas 17 aceitaram o trabalho. "O salário não agrada e o serviço é estressante", comenta Menezes. Salienta também que a Secretaria já está pensando em criar um salário diferenciado para os setores onde existe uma evasão grande de profissionais.